



V Encontro de Iniciação Científica e Tecnológica

V EnICT

ISSN: 2526-6772

IFSP – Câmpus Araraquara

22 e 23 de outubro de 2020



TRADUÇÃO COMENTADA PARA A LÍNGUA INGLESA DO LIVRO *MEU AVÔ APOLINÁRIO*, DE DANIEL MUNDURUKU: REFLEXÕES SOBRE O ATO TRADUTÓRIO E A LITERATURA INDÍGENA BRASILEIRA

LAURA NERI THOMAZ DA SILVA¹, MARIA CLAUDIA BONTEMPI PIZZI²

¹ Estudante do curso Técnico em Informática para Internet Integrado ao Ensino Médio, Bolsista PIBIFSP, IFSP Campus São Carlos, neri.t@ifsp.edu.br.

² Professora EBTT (Português/Inglês), Orientadora PIBIFSP, IFSP Campus São Carlos, mclaudiapizzi@ifsp.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): Línguas Estrangeiras Modernas – 8.02.02.00-4

RESUMO: O presente artigo relata um projeto de pesquisa em andamento que tem o objetivo de discutir, no âmbito dos estudos tradutórios, a tradução como transcrição e o papel do tradutor como segundo autor a partir da concepção de que a tradução não deve ser mecânica ou automática, pois pode ser definida como atividade de pesquisa e exercício de reflexão linguístico-cultural, como uma ferramenta interdisciplinar que favorece o trabalho combinado entre as línguas estrangeira e materna, mantendo-se sempre o foco na cultura e no diálogo intercultural. O objetivo da pesquisa é a elaboração da tradução comentada, para a língua inglesa, do livro *Meu Vô Apolinário*, de Daniel Munduruku. No contexto da Literatura Indígena brasileira em particular, entendemos que esse exercício tradutório pode contribuir para a divulgação do trabalho de autores indígenas brasileiros, que produzem seus textos em Português, para que consigam obter o reconhecimento e o respeito almejados e merecidos como autores do que a academia considera como literatura.

PALAVRAS-CHAVE: estudos tradutórios; literatura indígena; transcrição; diálogo intercultural.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta dados sobre um projeto de pesquisa em andamento que busca investigar e discutir, no âmbito da área de pesquisa dos Estudos de Tradução, o papel do tradutor como segundo autor que, ao colocar-se no lugar do autor do texto original, resgata significados e transporta-os para o outro lado, ligando os dois planos em um exercício de alteridade cultural. Assim, a tradução pode ser definida como uma conciliação instável entre dois produtos diferentes, às vezes conflitantes, o que torna a intervenção do tradutor decisiva e conduz seu trabalho ao domínio da transcrição (CAMPOS, 1992). A tradução, portanto, não é ponte (estável, concreta), mas o próprio rio (movimento, instabilidade, constante mudança) em posição de fronteira também fluida e cambiante.

O objetivo da pesquisa é, portanto, a elaboração da tradução comentada, para a língua inglesa, do livro *Meu Vô Apolinário*, de Daniel Munduruku (2009). No contexto sobre a Literatura Indígena brasileira em particular, a tradução de textos literários, ricas fontes de informação sobre tópicos socioculturais e históricos, poderia oferecer a possibilidade de reflexão, durante o ato tradutório e durante a leitura, sobre questões culturais relacionadas aos povos indígenas brasileiros, dando mais espaço para que suas vozes possam ser ouvidas e para que consigam, assim, obter o reconhecimento e o respeito almejados e merecidos como autores do que a academia considera como literatura.

O projeto parte da concepção de que o processo de ensino/aprendizagem de línguas está intrinsecamente ligado a questões culturais, e de que o aluno deve refletir sobre essa relação durante um processo intercultural de aprendizagem. Estudar e conhecer a cultura alheia é, então, uma experiência que pode ser descrita como um exercício de traduzir e traduzir-se, pois ao mesmo tempo em que o estudante é apresentado a novas realidades, contextos e ideias, passa a refletir sobre o seu papel no mundo. Passamos,

portanto, a considerar a ideia de que a tradução poderia oferecer a possibilidade de reflexão, durante o ato tradutório, sobre o léxico e as estruturas da língua inglesa e portuguesa, contribuindo para o aprimoramento do processo formativo, além de possibilitar o contato com questões culturais de outros países.

O projeto parte, portanto, do pressuposto de que traduzir pode significar ler e interpretar, e que ao tradutor cabe um papel de segundo autor que, ao colocar-se no lugar do autor do texto original, resgata significados e transporta-os para o outro lado, ligando os dois planos em um exercício de alteridade cultural. Assim, a tradução pode ser definida como uma conciliação instável entre dois produtos diferentes, às vezes conflitantes, o que torna a intervenção do tradutor decisiva e faz do seu trabalho um ato de criação.

Dessa forma, podemos afirmar que o objetivo desta pesquisa não é que o(a) aluno(a) exercite a tradução meramente mecânica, mas a tradução como atividade exploratória e exercício de reflexão linguístico-cultural, como uma ferramenta interdisciplinar que favorece o trabalho combinado entre as línguas estrangeira e materna, mantendo-se sempre o foco na cultura e na interculturalidade (ou no diálogo intercultural).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Paz (1990) escreve que quando um povo se vê diante de um modo diferente de comunicação oral pela primeira vez, sua crença em uma linguagem universal é substituída por uma noção de pluralidade de línguas. Na Idade Moderna, com o descobrimento de “novos mundos”, a humanidade sentiu com mais clareza a enorme variedade de costumes, instituições e culturas, causando uma reviravolta no rumo da tradução. A segurança religiosa de uma identidade universal é substituída pela curiosidade intelectual, racional, de conhecer as diferenças. Refletindo estas mudanças, a tradução não é mais uma operação que mostra uma única identidade para o homem, mas suas singularidades. Até mesmo no interior de cada língua destacam-se diferenças e divisões, como períodos históricos, classes sociais e gerações.

A tradução, contudo, se encarada como um processo de reprodução de sentidos equivalentes aos do texto original, leva em conta que é possível recuperar dados do texto ou do escritor a partir da leitura e que é igualmente possível a sua passagem para outra língua. Já em outras concepções para o ato tradutório, como a desconstrução de Derrida (1998) ou a transcrição de Campos (1992), que deixam de lado a concepção de um significado inscrito no texto e imune à diferença, questiona-se a validade do pensamento tradicional que considera a leitura como a preservação de significados e a tradução como a sua passagem (ainda intactos em sua essência) para outra língua.

A transcrição ocorre quando o tradutor se depara com algo na língua original que é "intraduzível" para a língua final, e então, em vez de tentar traduzir o intraduzível ou simplesmente deixar passar, abre-se um espaço para criação por parte do tradutor. O papel do tradutor é o de um transformador, criador, o qual, além da tradução, é incumbido da tarefa de criar um novo original do texto que esteja de acordo com seu destino final.

Ainda reafirmando esta ideia, Arrojo (1986) diz que mesmo que um tradutor traduza um texto integralmente, ele não teria a totalidade do original e também, inevitavelmente, transpareceria uma interpretação do texto feita pelo tradutor que, como pessoa, é dotado de vivências, opiniões, circunstâncias e um contexto histórico e social e não pode evitar que tais elementos perpassem sua obra; sendo o texto então lido e interpretado, porém nunca completamente decifrado ou controlado.

Britto (2012), assim como outros autores já citados, vê o tradutor como um segundo autor, alguém que busca fazer um texto que, para o público, pareça ser feito pelo autor original na língua desejada. Ou seja, o tradutor busca preservar a história e as características do autor original, transformando-as para que se adaptem à língua, cultura e sociedade final. Ainda o compara a um ator, que não literalmente é o personagem que interpreta, mas quem assiste assume que sim. Da mesma forma, o tradutor não é o autor do original, mas recria a obra.

Pereira (2012) e Britto (2012) têm ideias semelhantes e complementares: a ideia de um segundo autor, um recriador que faz o novo original. Argumentam que é impossível reproduzir completamente todas as características de um texto, porém não veem isso como algo ruim, e sim como algo muito proveitoso que inclusive faz o papel do tradutor ser mais divertido (porém não menos difícil) pelo fato de poder colocar sua própria impressão no texto e de poder fazer suas escolhas.

METODOLOGIA

Esta pesquisa dá continuidade a outros estudos na área de tradução desenvolvidos no câmpus de origem da proposta. Não houve necessidade de viagens ou visitas técnicas e a coleta de dados, por conta da pandemia, foi feita por meio da Internet, na casa do aluno bolsista. Os materiais necessários foram: computador com editor de texto ou similares, acesso à Internet, acesso a bibliotecas, impressora e papel.

Foram utilizadas entrevistas e/ou questionários para verificar a concepção que o(a) aluno(a) selecionado(a) para tal projeto de IC possui sobre os aspectos do ato tradutório (entrevista ou questionário aberto) e, assim, compilar textos teóricos sobre tal área de pesquisa a serem lidos pelo(a) estudante.

Após tais etapas, iniciou-se a tradução comentada para a língua inglesa do livro *Meu Vô Apolinário* (MUNDURUKU, 2009).

Pode-se dizer, então, que a pesquisa se caracteriza como bibliográfica e interpretativista, conforme será exposto a seguir.

A pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico, pois constrói seu embasamento teórico a partir do levantamento, seleção e leitura de textos e informações relacionadas à pesquisa.

Esta pesquisa também é de cunho interpretativista, modelo que trata, por exemplo, de subjetividade, de interpretação, de linguagem e significado (HOLMES, 1992, p. 41).

Quanto à elaboração da tradução, segundo Eco (2007, p. 370), não há como ser elaborada uma tipologia do ato tradutório, “mas no máximo uma tipologia (sempre aberta) de diversos modos de traduzir, negociando a que cada vez o fim a que nos propomos – e a cada vez descobrindo que os modos de traduzir são mais numerosos do que supúnhamos”. Assim, adotamos no trabalho em questão como sustentação teórica a desconstrução derridiana (Derrida, 1998) e a transcrição de Campos (1992), visões do ato tradutório que abandonam por completo a busca da equivalência, do sentido único, assumindo a polissemia das palavras. A partir de tal ponto de vista, a tradução da obra será feita tomando-se o texto como textura de significações que não são hierarquizáveis e irredutíveis a sentidos únicos e que, portanto, dependem da leitura de seu tradutor e das escolhas que ele faz. Nesse sentido, o processo é complexo, marcado por seleções, comparações e combinações, propiciadas pelos textos envolvidos no ato tradutório, além de outras fontes pessoais, textuais e culturais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto, ainda em andamento, conquistou como resultado concreto a tradução de mais da metade do livro *Meu Vô Apolinário* de Daniel Munduruku, e conseqüentemente questões que ocorrem no ato tradutório que podem vir a gerar notas de tradutor. Serão citados aqui alguns exemplos:

Neste primeiro exemplo, a nota de tradutor foi criada por conta de um jogo de palavras da língua portuguesa. O dito trecho em português é o seguinte: “[...] Ela era linda e tinha Linda no nome. Lindalva. Ela sabia que era linda e por isso era um pouco convencida”. E este é o trecho com a tradução para a língua inglesa: “*She was beautiful and had it in her name. Lindalva. She knew that she was pretty and because of that she was a little conceited.*”. É notável que o jogo de palavras em si, entre o nome Lindalva e a palavra “linda”, não foi traduzido, pois, segundo o julgamento do aluno bolsista, não haveria algo equivalente na língua inglesa. Decidiu então que seria vantajoso manter intacto o nome da citada garota e explicar o que ele significa, pois é completamente possível imaginar uma situação em que podes conhecer alguém com um nome que vem de outra língua e que tenha algum significado. Então foi criada uma nota de tradutor: “*The translation of the word ‘beautiful’ to Portuguese can be “linda” (or “lindo”, if it is about a man), and the girl’s name is Lindalva, then he says that she is so beautiful that even has “beautiful” (or “linda”) in her name to confirm that*”.

Além do caso de jogos de palavras da língua portuguesa, também podem ser encontradas várias questões culturais durante a leitura e tradução do texto. Segue mais um exemplo, primeiramente o trecho em português: “[...] Essas criaturas apareciam de vez em quando para amedrontar as criancinhas. Era o saci-pererê, a matintaperera, o curupira, o boitatá entre outros.”. E o trecho traduzido: “*These creatures used to appear sometimes to scare the little kids. They were saci-pererê, matintaperera, curupira, boitatá, among others*”. Neste trecho vê-se então que é citado o folclore brasileiro, e que muito dificilmente alguém que

tenha como sua língua materna o inglês conheça. Criada foi então uma nova nota de tradutor com intuito de explicar o que é o folclore brasileiro e os personagens citados, pois levando-se em conta que o objeto de tradução é um livro indígena, o tradutor pretende manter a importância que o autor do livro dá ao folclore brasileiro, instigando o leitor a conhecer e até pesquisar mais sobre após a leitura, dando uma luz de início para tal leitor, o que também cumpre o intuito de dar mais notoriedade à cultura indígena e seus trabalhos. Eis a nota de tradutor: “*These creatures are from the Brazilian folklore, stories passed along through generations that carry on them a lot of cultural characteristics, contexts and indigenous history. Saci-pererê is a black boy that has just one leg and lives in the forest, he is always with a red beanie and likes to smoke a pipe and do mischiefs. Matinta Pereira (or Matinta Perera, matintaperera) usually is an old woman that turns into a bird at night and flies above someone’s house to irritate them with a very high whistle, and to make her stop, you have to promise give her (usually) tobacco in the next day. The Curupira is a small boy with flaming (or just red) hair and feet turned backwards, he protects the forest from humans by attacking them and making them get lost. The Boitatá is a giant flame snake that protects the forest of intruders and can turn into a flaming trunk to do this; if somebody looks to Boitatá, the person can go blind, crazy or even die. The stories can change through the country regions and there are other names on Brazilian folklore as Mula sem cabeça, Boto cor-de-rosa, Cuca and Iara.*”.

Por trás de todas as notas houve um árduo trabalho de pesquisa para decidir que palavras usar e em que contexto, levando em conta também as características de escrita do autor, não deixando-o ser anulado durante o processo de tradução.

CONCLUSÕES

Os resultados obtidos até o momento são satisfatórios, com a maior parte do livro já traduzida e também construído o arcabouço teórico do aluno bolsista. Porém, como antes já dito, o projeto ainda está sendo desenvolvido, visando ainda terminar a tradução do livro para a língua inglesa e ter proporcionado ao aluno bolsista a experiência de alteridade cultural e transcrição nesse processo, assim como também gerar mais notoriedade ao trabalho feito por indígenas brasileiros.

AGRADECIMENTOS

As pesquisadoras agradecem ao PIBIFSP pelo apoio dado ao projeto.

REFERÊNCIAS

ARROJO, R. **Oficina de Tradução**: a teoria na prática. 4. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2006.

BRITTO, P. H. Som, ritmo, sentido: A arte de traduzir poesia. In: **Ciência Hoje**, v. 49, p. 1-2, 2012.

CAMPOS, H. de. Da tradução como criação e como crítica. In: _____. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

DERRIDA, J. Carta a um amigo japonês. In: OTTONI, P. (Org.). **Tradução, a prática da diferença**. Campinas: Editora da UNICAMP, FAPESP, 1998.

ECO, U. **Quase a mesma coisa**: experiências de tradução. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

HOLMES, J. Research and the postmodern condition. In: PASCHOAL, M. S. Z.; CELANI, M. A. **A. Linguística aplicada**: da aplicação de linguística à linguística transdisciplinar. São Paulo: Educ, 1992.

MUNDURUKU, D. **Meu vô Apolinário**: um mergulho no rio da (minha) memória. São Paulo: Studio Nobel, 2009.

PAZ, O. **Traducción**: literatura y literalidad. Barcelona, España: Tusquets Editores, 1990.

PEREIRA, C. M. de C. **Transcrição**: a tradução em jogo. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno06-15.html>. Acesso em: 29 jun. 2020.